

REUNIÃO MEDIÚNICA

ANTES,

DURANTE

E DEPOIS

Miguel Tavares de Gouveia

ÍNDICE

ASSUNTO	PÁGINA
<u>REUNIÃO MEDIÚNICA :</u>	
INTRODUÇÃO	4
A REUNIÃO MEDIÚNICA NÃO É UM TRABALHO UNILATERAL.....	6
<u>REUNIÃO MEDIÚNICA - ANTES DA REUNIÃO</u>	10
A DEVIDA PREPARAÇÃO	11
A CHEGADA DOS MÉDIUNS NO AMBIENTE E O TIPO DE CONVERSAÇÃO ANTES DA REUNIÃO	14
OS CUIDADOS NA ÁREA FISIOLÓGICA	16
AS ATIVIDADES DOS BENFEITORES ANTES DA REUNIÃO	18
<u>REUNIÃO MEDIÚNICA - DURANTE A REUNIÃO</u>	20
INTRODUÇÃO	21
A MECÂNICA DAS R. MEDIÚNICAS – AS 4 FASES	27
FASE DA HARMONIZAÇÃO PREPARATÓRIA	28
PRECE DE ABERTURA	29
MANIFESTAÇÃO DOS ESPÍRITOS DESENCARNADOS	30
MANIFESTAÇÃO COLETIVA DOS CHAMADOS – “ ESPÍRITOS GUIAS “	30
MANIFESTAÇÃO INICIAL DO MENTOR	31
MANIFESTAÇÃO DOS ESPÍRITOS DESENCARNADOS 2ª FASE	
- O ESCLARECIMENTO.....	32
- A CONVERSAÇÃO.....	32
- INTERFERÊNCIA DO MENTOR ESPIRITUAL	41

- CONVERSACOES MARGINAIS	42
- A REVELACO DE QUE J DESENCARNOU	43
- COOPERAO MENTAL DO GRUPO	46
- PRECEITOS DE ESPONTANEIDADE	49
- EDUCACO MEDIÚNICA	51
- HIPNOSE CONSTRUTIVA	53
- ANIMISMO E MISTIFICACO	54
- COMUNICACOES DE PERSONALIDADES CÉLEBRES	54
- QUANTIDADE DE COMUNICACOES POR CADA MÉDIUM	55
- COMUNICACOES SIMULTÂNEAS	56
- " LIMPEZA PSÍQUICA " DO MÉDIUM	56
- MÉDIUM EM DVIDA	57
- " HIATOS " ENTRE AS COMUNICACOES	58
- O PASSE NAS REUNIOES MEDIÚNICAS	58
- ENCERRAMENTO DA 2ª FASE DA REUNIO	60
<u>3ª FASE DA REUNIO – RADIAO E PASSES</u>	60
<u>4ª FASE DA REUNIO</u>	62
- MANIFESTACO DOS MENTORES ESPIRITUAIS	62
<u>-REUNIO MEDIÚNICA – DEPOIS DA REUNIO</u>	63
- ESTUDO CONSTRUTIVO DAS PASSIVIDADES	64
- COMPORTAMENTO DOS COMPANHEIROS APÓS A REUNIO.	65

Reunião Mediúnica

Introdução

Allan Kardec utilizou-se das reuniões mediúnicas não só para receber instruções doutrinárias, mas também para assistir aos Espíritos sofredores e aqueles transviados do bem.

Na 2ª Parte de sua obra "*O Céu e o Inferno*", temos o relato de expressivo trabalho nesse sentido, onde ele habilmente dialoga, orienta e ora em benefício dos Espíritos necessitados. Na *Revista Espírita*, o Codificador também se refere a vários trabalhos relativos a esse assunto.

Contudo, mesmo na época da Codificação, houve companheiros que questionaram a validade daquele procedimento, opinando que o intercâmbio mediúnico deveria se limitar apenas às comunicações dos Espíritos superiores para nos instruírem. Argumentavam, entre outras coisas, que o intercâmbio com Espíritos vulgares poderia deixar seqüelas nos médiuns resultantes da absorção de fluidos deletérios irradiados pelas entidades da espécie.

O Codificador reagiu, de imediato, a tal argumentação, inserindo em *O Livro dos Médiuns no item 281* o seguinte esclarecimento :

"A evocação dos espíritos vulgares tem, além disso, a vantagem de nos por em contato com, Espíritos sofredores, que podemos aliviar e cujo adiantamento podemos facilitar, por meio de bons conselhos. Todos, pois, podemos nos tornar úteis, ao mesmo tempo que nos instruímos. Há egoísmo naquele que somente a sua própria satisfação procura nas manifestações dos Espíritos, e dá prova de

orgulho aquele que deixa de estender a mão em socorro aos desgraçados(...). Que seria dos pobres doentes, se os médicos se recusassem a lhes tocar as chagas?"

Há uma pergunta muito freqüente que ocorre quando se enfoca o assunto de socorro aos desencarnados, que é a seguinte:

Não poderiam os Benfeitores espirituais realizarem a assistência aos desencarnados necessitados na própria Espiritualidade, sem utilizar o concurso dos médiuns, isto é, do elemento encarnado?

Na realidade, esse tipo de socorro acontece em escala significativa no próprio plano espiritual. Entretanto, ocorrem situações em que há realmente necessidade da participação dos colaboradores encarnados, sobretudo quando se trata de Espíritos ainda muito "materializados", isto é, demasiadamente fixados nas questões terrenas. Eis porque o Espírito Emmanuel, na obra Emmanuel, cap. 30, nos esclarece que "muitos desencarnados não se encontram aptos a compreenderem a linguagem dos Benfeitores espirituais e precisam ouvir a voz materializada dos encarnados". E enfatiza :

"Conduzimos, portanto, freqüentemente, até o vosso meio, aqueles dos nossos semelhantes que aqui se encontram impregnados das sensações corporais"

Alias, Allan Kardec já havia inserido orientação equivalente a esse respeito, no *item 254, questão nº 5, de O Livro dos Médiuns*, quando esclarece que certos Espíritos têm a tendência de se aproximarem mais dos humanos do que dos desencarnados. "Nessa aproximação dos humanos, quando encontram algum que os moralize, a princípio não o escutam e

até se riem dele; depois, se aquele os sabe prender, acabam por se deixarem tocar".

E, logo a seguir, ressalta:

"Os Espíritos elevados só em nome de Deus lhes podem falar e isto os apavora. O homem, indubitavelmente, não dispõe de mais poder do que os Espíritos superiores, porém, sua linguagem se identifica melhor com a natureza daqueles outros"(desencarnados infelizes)

Essa questão relativa à participação dos humanos na operação de socorro aos desencarnados em desequilíbrio e aflição também foi questionada por André Luiz, no início de suas atividades no mundo espiritual, naquele seu estágio de aprendizado. Em resposta à pergunta que formulou sobre o assunto, assim respondeu Aniceto, seu instrutor espiritual, no livro *Os Mensageiros* :

"O serviço de socorro é mais eficiente ao contato das forças magnéticas dos encarnados(...) eles consolam-se com o auxílio dos Benfeitores, mas o calor humano está cheio de um magnetismo de teor mais significativo, para eles. Por isto, o trabalho de cooperação em casas dessa espécie (refere-se à casa espírita) oferece proporções que você, por agora, não conseguiria imaginar ".

A reunião mediúnica não é um trabalho unilateral

Pelo exposto no item precedente, podemos compreender que uma reunião mediúnica não é um trabalho unilateral, ao contrário, significa a participação conjugada dos encarnados e

dos Benfeitores espirituais. O rendimento da reunião, portanto, depende do trabalho, tanto de um como do outro. Não podemos jogar toda a responsabilidade apenas para a equipe espiritual, mas, sobretudo, para o labor de nossos companheiros encarnados. Infelizmente, ainda se observa nas atividades espíritas os reflexos dos condicionamentos herdados das religiões tradicionais onde estagiamos nesta ou em outras encarnações, à espera de que tudo seja executado e providenciado pelos "guias", assim como fazem os católicos, que esperam tudo dos seus santos.

Na realidade, segundo informações dos Espíritos, nas atividades espirituais, entram em jogo três tipos de energias: a dos Benfeitores espirituais, a do elemento encarnado (os participantes da reunião) e aquelas tomadas da natureza. Para o bom desempenho da reunião, não há problemas quanto às energias da equipe espiritual (fluidos superiores e sutis) e da Natureza, por serem apenas energéticos, (neutros de propriedade malsãs). A 2ª energia, isto é, dos encarnados, é que tem sido responsável, muitas vezes, por resultados medíocres ou limitados ocorridos nas reuniões.

Ora, são muitas as obras que nos informam que a equipe espiritual recolhe as energias mentais e vitais dos humanos, casando-as com os fluidos da Espiritualidade, formando precioso armazém de benefícios para os infelizes necessitados.

Também com raios e energias emitidas pelos participantes da reunião, os Benfeitores formam certas imagens ou quadros fluídicos.

No *cap. I, do livro Missionários da Luz*, o autor espiritual descreve um quadro interessante. "Agrupados ao redor da mesa, os participantes se concentravam elevadamente, com pureza de sentimentos. Cada criatura encarnada emitia raios

luminosos que se misturavam, constituindo uma corrente de força em círculo, a uma distancia aproximada de 60 cm acima de suas cabeças.

A essas energias dos encarnados, misturavam-se os fluidos vigorosos da equipe espiritual, formando precioso armazém de benefícios para os infelizes que seriam atendidos. De momento a momento, aquela corrente de força, qual fonte miraculosa, despejava suas energias, beneficiando todos os presentes”.

Mais adiante, no *cap.17*, da mesma obra, André Luiz registra que: “os trabalhadores do plano espiritual recolhiam dos encarnados presentes, não só forças mentais oriundas de sua concentração, bem como as energias vitais que fluíam de seus organismos. Com esse material, eles adensavam o perispírito dos Benfeitores para que se tornassem visíveis aos infelizes ali presentes. Também era usado para formar provisoriamente certas imagens ou quadros indispensáveis ao reavivamento da emotividade e da confiança nas almas infelizes”.

Certos aparelhos fluídicos utilizados pelos trabalhadores da Espiritualidade, como o "condensador ectoplásmico" concentram em si raios de força projetados pelos componentes da reunião. Por isso, o mentor Aulus nos esclarece, no livro *Nos Domínios da Mediunidade, cap. 7*, que a equipe espiritual planeja a obra, depois de examinar a psicofera da equipe dos trabalhadores encarnados, analisando as radiações que os seus componentes projetam. Isso quer dizer que quanto mais sadias forem as radiações mentais e vitais dos componentes da atividade mediúnica, mais amplos serão os recursos para que a reunião apresente melhores resultados.

Em alguns casos, mesmo já estando planejado o trabalho, o comparecimento do tarefeiro em condições fluídicas

comprometidas, obrigam os Benfeitores espirituais a fazerem modificações no planejamento previamente elaborado.

Apenas para ilustrar um caso deveras impressionante, reportamo-nos ao relato de *André Luiz, no cap.I, de sua obra Missionários da Luz*. Na programação original, constavam 6 (seis) Entidades selecionadas e prováveis para se comunicarem nos trabalhos mediúnicos da noite, mas apenas compareceu um médium em condições de atender.

Por isso, Alexandre, o dirigente espiritual da reunião, esclareceu a André Luiz que nem todos conseguem o intuito a mesma hora. "Alguns são obrigados a esperar semanas, meses, anos..." Acrescentou, a seguir, que, devido à displicência dos médiuns, o trabalho seria restrito... "O grupo de aprendizes e obreiros terrestres somente receberá o que se relaciona com o interesse coletivo..."

Pelo exposto, podemos entender que o tarefeiro de atividade mediúnica deve comparecer à reunião, mental e fluidicamente preparado, em situação de externar energias em condições adequadas, colaborando dignamente com os Benfeitores espirituais, ou seja, ser uma solução e não um problema. Daí podermos assegurar que há um trabalho muito importante antes da atividade mediúnica propriamente dita: a devida preparação dos tarefeiros para a reunião, assunto que, a seguir, passaremos a desenvolver.

REUNIÃO MEDIÚNICA ANTES DA REUNIÃO

Reunião Mediúnica: Antes da Reunião

A devida preparação do tarefeiro

André Luiz, discorrendo sobre o assunto no Livro *Desobsessão, cap. 1a 4 e 11*, alerta-nos que a preparação adequada do obreiro mediúnico é assunto sério: "trata-se de assistência a desencarnados menos felizes, com a supervisão de instrutores da Vida Espiritual ". E acrescenta:

" imaginem-se os companheiros no lugar dos necessitados de socorro e compreenderão a responsabilidade que assumem. Cada componente do conjunto é peça importante no mecanismo de serviço. Todo grupo é instrumentação"

Por aí se vê que a questão em foco deve ser encarada com real seriedade.

Na obra acima mencionada, o autor espiritual nos exorta ainda a que todos os participantes das atividades mediúnicas a : no dia da reunião, _" cultivar atitude mental digna, desde cedo ", emitindo ideações superiores, orando e mantendo elevado o nível de seus pensamentos.

"Intenções e palavras puras, atitudes e ações limpas". .

Recomenda, entre outras coisas, evitar rugas e discussões, procurando manter-se paciente e sereno ante "quaisquer transtornos que sobrevenham durante o dia" (em que, aliás deve o tarefeiro estar bem vigilante, pois é sabido que as Entidades ligadas às sombras criam, para ele, armadilhas e situações embaraçosas, às vezes no lar, na rua ou no ambiente de trabalho).

E prossegue com as recomendações.

Após a atividade comum do dia, terminado o trabalho profissional ou doméstico, deve o participante da reunião mediúnica tratar do refazimento corporal e psíquico:

"Repouso externo e interno. Relaxar-se, com ideações edificantes. Abstenção de pensamentos impróprios .
Distância da preocupações inferiores "

Quanto à preparação, ter em conta o excelente efeito da leitura edificante.

"Pelo menos durante alguns minutos, horas antes do trabalho, seja qual for a posição que ocupa no conjunto, dedique-se o companheiro à prece e à meditação em seu próprio lar. Ligue a mente ao Alto. Retire-se, em espírito, das vulgaridades do terra-a-terra."

As recomendações que nosso André Luiz coloca e que aqui reproduzimos têm um peso significativo no resultado da reunião. Conforme nos reportamos anteriormente, a energia externada pelos encarnados em mistura com a dos Benfeitores espirituais são empregadas para múltiplos fins. Ora, essa energia que flue dos humanos precisa caracterizar-se por teor positivo para ter condições de ser utilizada beneficentemente. Daí a grande importância da conveniente preparação da equipe encarnada antes da reunião para que compareça ao trabalho fluidicamente em condições de ser útil.

Relativamente à segurança e versatilidade das comunicações, lembremo-nos dos esclarecimentos de Allan Kardec quando enfatiza que "o fluido perispirítico é o agente de todos os fenômenos espíritas, os quais só se podem reproduzir pela ação recíproca dos fluidos que emitem o médium e o Espírito (*Obras póstumas, pag. 57, da 29ª edição da FEB.*). Ora, como o estado íntimo determina a natureza e as propriedades dos fluidos perispiríticos, estes devem estar

sem energias tóxicas quando do comparecimento do tarefeiro à reunião mediúnica.

Por oportuno, reportamo-nos ao relato de André Luiz no cap 28, da obra *Nos Domínios da Mediunidade*. Tratava-se de uma reunião de materialização:

Eram 14 participantes encarnados. A maioria emitia jatos de energia ectoplásmica com certo teor de toxina, refletindo, inclusive, no médium ostensivo principal, o qual se mostrava insuficientemente tranqüilo. O assistente Aulus, dirigindo-se ao técnico espiritual do serviço Garcez, estabelece o seguinte diálogo:

- " Não atingiremos, então, a materialização de ordem superior..., falou o assistente.

-De modo algum, informou Garcez, com desapontamento. Teremos tão-só o médium desdobrado, incorporando a nossa enfermeira, para socorro às irmãs. Nada mais. Não dispomos do concurso preciso."

Como se vê, a exteriorização das energias dos, participantes com resíduos impuros prejudicou a reunião, limitando os resultados.

Ilustramos um caso de um trabalho mediúnico de materialização, porém ressaltamos que, nos outros tipos de atividades mediúnicas, ocorre o mesmo efeito se a exteriorização das energias dos participantes apresentarem o mesmo problema.

Chegada dos médiuns no ambiente e o tipo de

conversação antes da reunião

André Luiz, enfocando esse assunto, orienta-nos que "os Benfeitores espirituais, na obra assistencial aos irmãos desencarnados sofredores, esperam sempre que os integrantes da reunião alcancem o recinto do serviço em posição respeitosa".

E a seguir, enfatiza: " Nada de vozerio, tumulto, gritos, gargalhadas. Lembrem-se os companheiros encarnados de que se aproximam de enfermos reunidos, como num hospital, credores : de atenção e carinho". *Desobsessão, cap. 11.*

Ora, é comum ocorrer conversações entre os companheiros, uma vez que costumeiramente muitos chegam alguns minutos antes do início da atividade propriamente dita. Deve haver muita vigilância quanto ao tipo de conversa que ali venha a ocorrer.

André Luiz alerta-nos para a total abstenção de temas contrários à dignidade do trabalho que vão desempenhar." Exorta ele a serem evitadas queixas, críticas, azedumes, apontamentos irônicos etc. *Desobsessão, cap. 12.*

Um tipo de conversa muito comum que observamos entre os companheiros refere-se a comentários sobre os problemas ocorridos durante o dia. Certa ocasião, ouvi dois senhores que, após se cumprimentarem fraternalmente, começaram a desfiar um rosário de lamentações acerca dos problemas existenciais .

Em outra ocasião, testemunhei uma senhora que, ante ao usual cumprimento " como vai você ", respondeu que não ia muito bem, pois amanheceu com certa dor de cabeça, detalhando a seguir, outros sintomas e mencionando os remédios que usualmente toma nessas ocasiões.

Ora, André Luiz nos esclarece que " toda referência mental é fator de indução." Realmente, quando conversamos, criamos formas-pensamentos, ou seja, "criações fluídicas", segundo a terminologia de Allan Kardec. Essas formas - pensamentos ou ideoplastias ficam junto de nós, produzindo efeitos positivos ou negativos, de acordo com a natureza dos pensamentos emitidos. Na obra *Mecanismos da Mediunidade cap. 18*, o autor espiritual registra que "se as formas-pensamentos fossem visíveis ao olhar humano, os comentaristas contemplariam no próprio grupamento o fluxo tóxico das imagens deploráveis(...) a lhes nascerem da mente no regime das reações em cadeia, espalhando-se no rumo de outras mentes interessadas no acontecimento infeliz" .

Ora, se o fluxo tóxico das imagens deploráveis espalha-se rumo a outras mentes ligadas ao assunto tratado, claro é que atrairá Entidades envolvidas no tema enfocado. Por isto, André Luiz, na obra que nominamos atrás, ressalta que "pensando ou conversando constantemente sobre assuntos enfermicos (...), incorporamos, de imediato, a influência das criaturas encarnadas ou desencarnadas que os alimentam, porque o ato de voltar a semelhantes temas contrários aos princípios que ajudam a vida, se transforma em reflexo condicionado de caráter doentio, automatizando-nos a capacidade de transmitir tais agentes mórbidos...."

Eis porque, relativamente à conversação no recinto, antes da reunião, o autor espiritual da obra "*Desobsessão*", em seu *cap. 12*, enfatiza o seguinte:

"Se somos impelidos a conversar, durante os momentos que precedem a atividade assistencial, seja a nossa palestra algo de bom e edificante que auxilie e pacifique o clima do recinto, ao invés de conturbá-lo"

Os cuidados na área fisiológica

As sugestões dos mentores espirituais para que os participantes da reunião se preparem convenientemente antes da tarefa mediúnica, não diz respeito apenas à necessidade da exteriorização de sua energia com teor positivo para ser utilizada no trabalho empreendido. Trata, também, da questão da defesa dos próprios tarefeiros, uma vez que os Benfeitores desencarnados, antecipadamente realizam um esforço na área fisiológica de cada companheiro, trabalho esse que não deve ser prejudicado por atitudes inconvenientes de qualquer natureza. Assim é que André Luiz reporta-se aos esclarecimentos que a respeito o seu instrutor Alexandre faz no cap. 1 da obra *Missionários da Luz*.

"Muito antes da reunião que se efetua, o servidor já foi objeto da nossa atenção especial(...) Foi convenientemente ambientado e, ao sentar-se aqui, foi assistido por vários operadores de nosso plano. Antes de tudo, as células nervosas receberam novo coeficiente magnético, para que não haja perdas lamentáveis do Tigróide (corpúsculos de Nissl) necessários aos processos da inteligência. O sistema nervoso simpático, mormente o campo autônomo do coração, recebeu auxílio energético e o sistema nervoso central foi convenientemente atendido, para que não se comprometa a saúde do trabalhador de boa vontade.

O vago foi defendido por nossa influência contra qualquer choque das vísceras. As glândulas supra-renais receberam acréscimo de energia, para que se verifique acelerada produção de adrenalina (*Isso explica porque alguns médiuns sentem certa aceleração cardíaca, antes ou mesmo durante os trabalhos*) de que precisamos para atender ao dispêndio eventual das reservas nervosas."

Ora, se a espiritualidade realiza um esforço significativo para reforço e equilíbrio na área fisiológica, espera que o

tarefeiro encarnado colabore evitando ingerir substâncias tóxicas, como o álcool, o fumo etc. Quanto ao "uso de carne, do café e dos temperos excitantes, estes deverão ser reduzidos no dia da reunião, quando não lhes seja possível a abstenção total. *Desobsessão, cap. 2.*

O excesso de alimentação deve ser evitado, pois além de prejudicar a função leve e ampla do pensamento, "produz odores fétidos, através dos poros, bem como da saída dos pulmões e do estômago". *Missionários da Luz, cap. 19.*

André Luiz, na sua obra, *Missionários da Luz, cap 2*, registra a chegada de uma médium à sala da reunião com problemas oriundos do excesso de alimentação. "Fraquíssima luz emanava de sua organização mental e, desde o primeiro instante, notara-lhe deformações físicas. O estômago dilatara-se-lhe horripelmente e os intestinos pareciam sofrer estranhas alterações".

A respeito, comenta o instrutor espiritual Alexandre:

"Temos aqui uma pobre amiga desviada nos excessos de alimentação. Todas as suas glândulas e centros nervosos trabalham para atender ao sistema digestivo".

Essa companheira era médium de psicofonia; por isso, não teve condições de dar comunicação naquela noite.

Eis porque a Espiritualidade recomenda
alimentação leve durante as horas que precedem à
prática mediúnica.

A digestão laboriosa resulta em maior consumo de energia, além de prejudicar a leveza do pensamento,

dificultando a concentração e interferindo na devida exteriorização de raios vitais.

As atividades dos Benfeitores antes da Reunião

Não devemos nos esquecer que a equipe desencarnada procede igualmente a muitos preparativos antes da reunião propriamente dita. O Espírito Manoel Philomeno de Miranda registra em seu livro *Nas Fronteiras da Loucura*, cap. 17, que a equipe espiritual da reunião mediúnica "tem uma preparação antecipada de até 40 horas, quando são trazidos os participantes desencarnados ou psiquicamente se faz a sincronia fluídica dos mesmos com os médiuns que os irão mediunizar". Horas antes do início dos trabalhos, a atividade da equipe é muito intensa. André Luiz em "*Os Mensageiros*", esclarece que "para disseminar as luzes evangélicas aos desencarnados, são precisas providências variadas e complexas, sem o que, tudo redundaria em aumento de perturbações".

Reporta-se aquele autor espiritual às várias providências antecipadas operadas pelos Benfeitores espirituais, como a divisão do local em longas faixas fluídicas (verdadeiras divisões magnéticas), a impregnação da atmosfera de elementos espirituais (saturados de valores positivos), seleção dos Espíritos que serão admitidos nos trabalhos mediúnicos etc.,

Esse labor que ocorre antes do início da reunião propriamente dita é também reportado pelo Espírito Otília Gonçalves, na obra *Além do Morte*, cap. 26, descrevendo,

inclusive, a execução da assepsia mental do recinto, até a colocação de aparelhagem fluídica em várias posições. Esclarece, ainda, nossa querida Otília que, embora a reunião começasse às 20:00 horas, às 18 horas "a azáfama era grande" relativamente às providências antecipadas da preparação.

Às 19:00 horas, reporta-se ela ao encaminhamento ao recinto das Entidades sofredoras e atribuladas, "que se juntavam às que ali já se encontravam desde a véspera".

Como se vê, ocorre muita atividade no plano espiritual antes da reunião propriamente dita.

Nota : Daí a necessidade da equipe encarnada ter o cuidado de não prejudicar essa assepsia mental do ambiente, através de atitudes e conversações negativas.

Observem que, no plano espiritual, as atividades de preparação aconteceram desde a véspera, ocasião em que para ali foi encaminhada a 1ª leva de Espíritos necessitados

REUNIÃO
MEDIÚNICA
DURANTE A
REUNIÃO

Durante a Reunião

Introdução

Não desejamos aqui estabelecer um padrão rígido, um manual, por assim dizer, para as atividades mediúnicas, mas uma orientação básica que poderá ter extensão ou mesmo adaptações de acordo com as peculiaridades locais, desde que essas adaptações sejam legítimas, isto é, não entrem em conflito com os princípios doutrinários. Aliás, se se busca um padrão, este se encontra na fidelidade da aplicação do que se contém nas obras básicas e subsidiárias.

É deveras importante essa observação, uma vez que é sobejamente conhecido que, em alguns grupamentos, a condução da reunião mediúnica vem ocorrendo em linha de tradição ou de opiniões e experiências pessoais dos dirigentes, o que de certo modo, contraria a feição científico -filosófica do tríplice aspecto da Doutrina. O Codificador teve a cautela de evitar que os princípios da Doutrina Espírita tivessem pôr base a sua opinião pessoal ou da autoridade de uma personalidade encarnada ou mesmo na conceituação de um Espírito isoladamente, por mais respeitável que fosse o seu nome. A sua metodologia baseou-se na "Universalidade dos Ensinos dos Espíritos", isto é, na concordância dos ensinamentos feitos através de grande número de médiuns, estranhos uns aos outros e em diversos lugares.

Justamente para evitar que sua notória autoridade cultural influenciasse o público na aceitação do Espiritismo foi que o codificador se absteve, relativamente à sua autoria, em utilizar seu nome (Hippolyte Léon Denizard Rivail) para usar o pseudônimo "Allan Kardec " .Por idêntico objetivo, deu o

titulo "O Livro dos Espíritos" para esclarecer que os conceitos ali contidos não eram frutos de sua opinião pessoal, mas sim oriundos dos Espíritos.

Por isso, organizamos um trabalho com os dados da Codificação e demais obras subsidiárias, deixando de lado as opiniões pessoais ou condicionamentos de tradições (muitas vezes até desconhecidas suas origens).

Conseqüentemente, cada instrução aqui contida está fundamentada nos ensinamentos dos Espíritos. Eis porque, para cada orientação pertinente, colocamos, as fontes básicas em que nos apoiamos.

A fim de melhor adaptação à terminologia aqui usada, achamos, por oportuno, fazer alguns esclarecimentos.

Pedimos, por exemplo, que não haja estranheza na informação de se recorrer a médiuns passistas nas reuniões mediúnicas, o que antigamente não era comum até que André Luiz e Manoel Philomeno de Miranda recomendaram a presença deles, com objetivos próprios, os quais detalharemos mais adiante.

Outro ponto digno de explicação é a referência ao termo "esclarecedor" que, na verdade, trata-se do tradicional "doutor" e do termo "mediunizar" ao invés de incorporar.

No que diz respeito aos médiuns passistas, o Espírito André Luiz ressalta que eles são "de particular valimento, permanecendo atentos ao concurso eventual que se lhes peça, no transcurso da reunião ". *Desobsessão, cap. 26 e Grilhões Partidos cap. 19.*

E acrescenta: agora é um problema que irrompe entre os próprios colegas de atividade em seguida, um que outro médium psicofônico possivelmente caído em exaustão; depois,

o pedido de auxílio para esse ou aquele dos assistentes a lhes solicitarem concurso, e, por fim, a assistência de rotina, na fase terminal dos trabalhos (radiação e passes).

O Espírito Manoel Philomeno de Miranda também se refere à presença deles nos trabalhos mediúnicos, eis que registra em sua obra *Nas Fronteiras da Loucura* cap. 18, o seguinte: "médiuns passistas auxiliavam os portadores da psicofonia, revitalizando-os com as energias de que eram portadores, quando necessário, elementos esses preciosos no contexto dos misteres deste porte". No livro *Diálogo com as Sombras* (Hermínio Miranda) faz recomendação da presença de médiuns passistas na reunião – cap. 2.

Relativamente aos esclarecedores (ou doutrinadores) devemos estar atentos ao que nos recomenda a Espiritualidade, quando, nos instrui que o dirigente da reunião "designará 2 ou 3 companheiros para serem médiuns esclarecedores, sob orientação dele próprio, para funcionarem como assessores em serviço e os substitua nos impedimentos justificados. *Desobsessão* cap. 13

Paralelamente, enfatiza que o dirigente do grupo organizará uma escala de substituição, estabelecendo que "o dirigente será substituído por um dos esclarecedores e este por um dos passistas".

André Luiz, tanto na obra *Conduta Espírita*, cap. 3 como em *Desobsessão*, cap. 26, recomenda que "os médiuns esclarecedores, se necessário, acumularão as funções de médiuns passistas, mas não a de psicofônicos, de modo a não se deixarem influenciar por Espíritos necessitados".

Um outro ponto que merece uma observação preliminar é aquela que diz respeito à formação da equipe mediúnica. Há aqueles que são fundamentalmente passivos,(os médiuns psicofônicos e psicógrafos) e aqueles que ficam, por assim

dizer, em estado de atenção e supervisão, os quais alguns nomeiam de "sustentação", que são justamente os assistas e esclarecedores. Por isso, no cap. 20 da obra *Desobsessão* há o seguinte registro:

"Os médiuns esclarecedores e assistas, além dos deveres específicos que lhes assinalam, servirão, ainda, na condição de elementos positivos de proteção e segurança para os médiuns psicofônicos".

O ideal é que haja uma proporção equilibrada entre os ditos médiuns de "sustentação" e aqueles nomeados de ostensivos. Numa equipe de 14 tarefeiros, por exemplo, atuarão 4 médiuns esclarecedores, 4 assistas e 6 psicofônicos. Se o grupamento for de 8, a composição seria de 2 esclarecedores, 2 assistas e 4 psicofônicos (vide a obra *Desobsessão*, cap. 20). Grupo de composição com outros números obedeceria ao mesmo critério proporcional, de modo a termos:

- Cerca de 25% do conjunto: esclarecedores
- Cerca de 25% do conjunto: assistas
- Cerca de 50% do conjunto: psicofônicos, psicográficos, etc.(os que ficam em grau de significativa passividade)

Considerem, por outro lado, a conveniência de limitar o número de companheiros da equipe, evitando um número excessivo. O *Livro dos Médiuns* já nos adverte sobre o assunto, registrando, no *item 332*, o seguinte:

"Sendo o recolhimento e a comunicação dos pensamentos as condições essenciais a toda reunião séria, fácil é de compreender-se que o número excessivo dos assistentes constitui uma das causas mais contrárias à homogeneidade".

André Luiz, no seu período de aprendizado, visita um grupamento composto de 10 companheiros encarnados, quando seu instrutor espiritual Aulus, no livro *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 4, faz a seguinte observação:

"Admito que devemos centralizar nossas observações em reduzido núcleo, onde melhor dispomos do fator qualidade".

Por outra parte, já no próprio livro *Desobsessão*, cap, 73, ele recomenda uma composição de, no máximo, 14 pessoas.

A respeito, surge aí uma questão: como proceder, para não aumentar a quantidade de componentes de uma reunião, se o número de médiuns, em uma casa espírita costuma dilatar-se?

André Luiz nos dá orientação pertinente no cap. 73, do livro *Desobsessão*, sob o título "Formação de Novas Equipes":

Baseado em *O Livro dos Médiuns*, item 332, ultrapassada a quota de 14 partícipes do conjunto, o diretor da casa auxiliará os companheiros excedentes na formação de nova equipe que, temporariamente, pode agir e servir sob a orientação do agrupamento em que nasceu.

Nota : A orientação de André Luiz pertinente ao número de componentes em uma reunião de desobsessão pode ser

aplicada, por extensão (com as adaptações possíveis), a outros gêneros de reuniões, como a de desenvolvimento mediúnico.

A Mecânica da Reunião

Mediúnica

Durante

O desenrolar do que muitos nomeiam de “ parte prática “ ocorrerá em 4 fases :

I) Fase de Harmonização
Preparatória

II) Manifestação dos Espíritos
Desencarnados

III) Radiação e Passes

IV) Manifestação dos Mentores
Espirituais

Fase da Harmonização Preparatória

André Luiz recomenda, no livro *Desobsessão*, cap. 14 fechar disciplinarmente a porta no horário marcado para o

início da reunião, lembrando "que o fracasso, na maioria das vezes, é o produto infeliz dos retardatários e dos ausentes.

O Espírito Otília Gonçalves registra em seu livro *Além da Morte, Cap. 26*, a entrada na sala de 2 retardatários que "prejudicaram a estabilidade psíquica geral". Realmente, a chegada de um companheiro depois da hora estabelecida para o início da reunião, às vezes apressado, agitado, inquieto, causa prejuízo a um ambiente já harmonizado.

Importante enfatizar que a fase de harmonização preparatória tem a finalidade, não só de os companheiros se desencharcarem de resíduos fluídicos tóxicos e de sintonizarem-se previamente com os Benfeitores Espirituais, bem como dispor o ambiente à edificação moral, fazendo a integração vibratória do grupo, para o socorro fraterno a ser desenvolvido.

Baseado em orientação dos Espíritos, o período preparatório do que aqui se trata não deve ultrapassar o tempo- limite de cerca de 15 minutos, consistindo em leitura de pequenos trechos doutrinários.

André Luiz no livro *Desobsessão, cap. 28*, recomenda ler preferentemente um dos itens de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, seguindo-se-lhe uma das questões de *O Livro dos Espíritos*, com um trecho de um dos livros de comentários evangélicos, em torno da obra de Allan Kardec. Após a leitura da última página, procede-se à feitura da prece de abertura.

Alguns grupamentos na leitura desse 3º livro, se valem de um capítulo de uma das obras evangélicas de Emmanuel Pão Nosso, Fonte Viva, Vinha de Luz , etc

Prece de Abertura

Antes do início, o dirigente diminuirá a luz do recinto fixando-a em uma ou duas lâmpadas, preferivelmente vermelhas (grifo nosso), de capacidade fraca, 15 watts, por exemplo, de vez que a projeção de raios demasiadamente intensos sobre o conjunto, prejudica a formação de medidas socorristas mentalizadas e dirigidas pelos Instrutores espirituais, diretamente responsáveis pelo serviço assistencial em andamento, com apoio nos recursos medianímicos da equipe. (*Desobsessão, cap. 17*).

Na feitura da prece, não se alongar por muitos minutos, sendo aconselhável o mínimo de tempo, uma vez que há Entidades em agoniada espera de socorro. Em diversas circunstâncias, acham-se ligadas, desde muitas horas à mente do médium psicofônico, alterando-lhe o psiquismo e até mesmo a vida orgânica, pelo que o socorro direto não deve ser retardado.

Preferentemente, a prece não deve ser decorada; que o dirigente ore com suas próprias palavras, uma vez que doutrinariamente está no pensamento o poder da oração.

(Conduta Espírita cap. 26 -Desobsessão cap. 29 - Evangelho Seg. Espiritismo cap. 27, item 15 e cap. 28, item 1.)

Manifestação dos Espíritos Desencarnados

Duração

As manifestações das Entidades terão a duração de "até o limite de uma a uma hora e meia, na totalidade delas, para que a reunião perdure no máximo por duas horas, excluída a leitura inicial". (*Diálogo com as sombras, cap. 1, e Desobsessão, cap. 32.*)

Manifestação coletiva dos chamados "Espíritos Guias"

Na abertura, não há necessidade de manifestação coletiva dos mentores espirituais, para declararem iniciados os trabalhos, conforme é uso tradicional em alguns grupamentos. A respeito, respondeu-nos Divaldo Franco em entrevista publicada no livro *Diretrizes de Segurança, q. 35.*

"Ocorre que, se condicionar, o início do trabalho a incorporações dos chamados Espíritos Guias, é criar um estado de animismo nos médiuns que, enquanto não ouçam as palavras sacramentais não se sentem inclinados a uma boa receptividade. Isto é criação nossa, não é da Doutrina Espírita".

Realmente, a ocorrência da espécie não tem o devido respaldo doutrinário. Primeiro, porque para ocorrer a comunicação é preciso que o fluido perispírico exteriorizado pelo médium combine com o fluido do Espírito comunicante e como a qualidade e propriedade daqueles fluidos são

proporcionais ao estado íntimo do sensitivo, é impossível que todos os comunicantes estejam, naquele dia, em suficiente elevação interior para estar em condições de receber o seu guia espiritual. (*Obras Póstumas*, pag. 58, ítems 34 a 36; *O Que é o Espiritismo*, pag. 96; *idem*, cap. 2, ítems 62 a 67; *Desobsessão*, cap. 34). Para confirmação do que aqui colocamos, sugerimos analisar a questão das "Vibrações Compensadas" que tão bem nos esclarece o cap. 4, da obra *Estudando a Mediunidade*, de Martins Peralva.

Por outro lado, levar-se em conta que a ordem emitida pelo dirigente para os médiuns receberem seus Espíritos Guias, estando eles já em estado de transe ou semi transe (como é o caso), funciona como forte indução, suscetível de provocar fenômenos anímicos, semelhante aos que ocorrem nos espetáculos de hipnose coletiva (*Mecanismos da Mediunidade*, cap. 13)

Manifestação Inicial do Mentor

Após a prece inicial, o conjunto, em silêncio por breve tempo, aguardará a manifestação do Mentor do grupo; não por evocação, mas por espontaneidade (a manifestação poderá ocorrer ou não) .

A sua manifestação no início do trabalho (se for o caso) é às vezes necessária porquanto existem situações e problemas, estritamente relacionados com a ordem doutrinária do serviço, apenas visíveis a ele. (*Desobsessão*, cap. 30)

Considerar também que "esse entendimento, no limiar do programa de trabalho a executar-se, é indispensável à harmonização dos agentes e fatores de serviço, ainda mesmo que o Mentor se utilize do medianoiro tão-só para simples

oração que, evidentemente, significará tranqüilidade em todos os setores da instrumentação". (*Desobsessão, cap. 30.*)

O Esclarecimento

O dirigente falará aos Espíritos sofredores através dos médiuns psicofônicos, quer diretamente, quer indicando um dos auxiliares para isso.

Os Espíritos necessitados situam-se em variados graus de sombra e sofrimento; há os que comparecem pela 1ª vez, os reincidentes sistemáticos, os suicidas, os homicidas, casos de zoantropia e loucura, os malfeitores, os gozadores, os que não sabem que estão desencarnados, os doentes de variados graus, os exóticos desencarnados em terras estrangeiras, os vampirizadores conscientes ou inconscientes. (*Bastidores da Obsessão, pag. 46 (4º parágrafo). Desobsessão, cap. 36, Messe de Amor, cap. 6*)

Conversação

A conversação deve ocorrer em clima de autêntico diálogo. Deve-se evitar acontecer aquilo que no teatro é nomeado de monólogo, isto é, só um intérprete fala.

Inquestionavelmente, teremos que recorrer a um diálogo. Infelizmente já tivemos ocasião de presenciar esclarecedores que falam o tempo todo, não deixando a Entidade desabafar. Alguns fazem até pequenos discursos doutrinários ou divagam desnecessariamente.

E preciso reconhecer que a função do esclarecedor não é passar para os Espíritos perturbados meramente instruções doutrinárias, mas também aliviá-los, consolá-los, esclarecê-los, enfim, evangelizá-los. Muitos comparecem ali completamente desorientados. André Luiz recomenda, na obra (*Desobsessão, cap. 37*), que o doutrinador deve permitir que "o Comunicante se exprima pelo médium tanto quanto possível em matéria de desinibição e desabafo, desde que a dignidade do recinto e a disciplina sejam respeitadas". Por isso recorrido ao diálogo, o primeiro passo é ouvir o Comunicante, deixá-lo falar por algum tempo, envolvendo-o em ternura.

É preciso conhecer sua história, seus problemas.

Através de seu relato, o esclarecedor poderá, inclusive, deduzir muita coisa de suas características pessoais como o grau cultural, o sexo, o que facilitará o nível em que se deve nortear o diálogo.

Certa ocasião, um esclarecedor logo de início, não deixou o Espírito falar e fez uma verdadeira pregação doutrinária. A Entidade quando pode se expressar, falou:

-Não entendi nada do que o senhor falou. Sou um mendigo doente e me disseram para vir aqui que eu receberia tratamento.

Ora, vejam só, o Espírito era um pobre mendigo que nem sequer tinha consciência de que desencarnara e de que ainda sofria os reflexos de sua enfermidade.

Allan Kardec, conforme se observa no livro *O Céu e o Inferno e na Revista Espírita (Julho de 1859)* mantinha interessante diálogo com as Entidades e formulava perguntas para se enriquecer de informações a respeito delas. O Codificador enfatizava que, "é necessário saber formular e

encadear metodicamente as perguntas para que se obtenham respostas mais explícitas, captar nas respostas os detalhes que, por vezes, constituem traços característicos, revelações importantes ". Da mesma forma deve proceder o esclarecedor.

O importante é conduzir o diálogo ao nível de entendimento do Comunicante. Allan Kardec recomenda que, "com os seres do além -túmulo são necessárias habilidade e uma linguagem adequada à sua natureza, às suas qualidades morais e ao seu grau de inteligência" (*Revista espírita* , julho de 1859).

A conversação deve ser objetiva, com expressões claras e lógicas, falando ao coração, com dignidade e carinho, entre doçura e energia, considerando-o como se fosse um familiar extremamente querido. Compreender que o manifestante é um doente, a quem devemos falar ao coração, sem reclamar-lhe entendimento normal de que se acha ainda talvez longe de possuir. (*Desobsessão, cap. 32*).

É de suma importância adquirir a confiança do Espírito comunicante, não só utilizando o que se contém nos ítems anteriores, como envolvendo-o em vibrações de amor que funcionam como medicamento e bálsamo. Procurar, durante o diálogo, atingir pontos que o sensibilizem sobretudo os relacionados com o seu campo afetivo, buscando levantar-lhe a esperança em reconstruir seus anseios e seus ideais frustrados ou violentados .

O importante é conduzir o diálogo de tal forma a atingir o ESSENCIAL, segundo André Luiz:

ATINGIR O CENTRO DE INTERESSE DO

ESPÍRITO PRESO ÀS IDÉIAS FIXAS PARA SE DESCONGESTIONAR O CAMPO MENTAL.

(Desobsessão , cap. 34)

Enfatizamos que o diálogo ideal se assenta no equilíbrio adequado, nas oportunidades de ambas as partes se expressarem, havendo portanto, o momento do esclarecedor e a ocasião do Comunicante. Observar também o inconveniente de interromper o Espírito a todo o instante, embora evitando, com habilidade, que ele fale ininterrupta e prolongadamente.

Tivemos oportunidades de observar esclarecedores que monopolizavam impressionantemente o diálogo; por outro lado, vimos, também, Espíritos comunicantes que monopolizavam a conversação o que deve ser evitado, pois o esclarecedor não pode esquecer que ele é quem comanda o diálogo. Este tipo de ocorrência, se muito comum, torna a reunião desmotivante.

Deve-se evitar qualquer tipo de discussão ou desafio à Entidade (*Desobsessão , cap. 33: Diálogo Com as Sombras. cap. 4*), o que contrasta com o objetivo de sua evangelização. Não é importante vencê-lo no debate das idéias. Se levar para este campo, "aceitando a briga", muitas vezes o esclarecedor leva desvantagem, porquanto, pode tratar-se do Espírito de um teólogo, tribuno experiente que quando encarnado foi um grande debatedor. Muitas vezes o próprio Comunicante intencionalmente procura levar o diálogo para este campo, com a finalidade de fugir do assunto básico, objeto de sua presença ali, e ou para que haja perda de tempo prejudicando os melhores resultados da reunião.

A questão da fixação mental acentuada do Comunicante é um dos óbices para o êxito do esclarecimento. Nesta circunstância, o Espírito persiste com tenacidade na idéia

mórbida, às vezes não conseguindo sequer assimilar algo do que lhe é falado. Procuremos, nestes casos, tirá-lo ou, pelo menos, aliviá-lo das idéias fixas. Por um processo indutivo, procuremos despertar nele outras lembranças, experiências ou sentimentos que sempre existem estratificadas em nosso íntimo.

Hermínio Miranda (*Diálogo Com as Sombras, cap. 4*) recomenda colocar, "de vez em quando, uma pergunta diferente, procurando atraí-lo para outras áreas da sua memória, como por exemplo: Teve filhos? Que fazia para viver? Crê em Deus? Onde viveu? Quando aconteceu o drama? Tem amigos e parentes daquela época? Adverte, porém, que essas perguntas não devem ser desfechadas numa espécie de bombardeio ou interrogatório".

À respeito, presenciei, certa ocasião numa reunião mediúcnica uma colocação muito interessante. Tratava-se de um Espírito muito fixado em idéia de vingança. Depois de alguns minutos de diálogo sem lograr êxito em tirá-lo ou afrouxá-lo da fixação, o esclarecedor envolvendo a Entidade com carinho e amor falou-lhe:

-Meu amigo, não entendo como você persiste em ficar junto de alguém que você mesmo diz não prestar, optando a ficar afastado dos seus afetos. Quem não os tem? Uma mãe, um cônjuge, um filho ou mesmo um amigo. Porque não buscá-los abraçá-los preencher o seu coração de carinho e esperança?"

O Espírito respondeu:

-O meu propósito é destruir a quem me destruiu; é o que está firme em minha cabeça. Desde, então, não mais vi ninguém de minha afeição, nem minha mãe, nem minha esposa.. .

Disse-lhe o esclarecedor:

- Seu estado de ódio criou uma barreira vibratória que não lhe permite vê-los, por questão de densidade fluídica. Se você aceitar nosso convite de ficar hospedado nesta casa, explicarei melhor esse assunto, como também, embora não garanta, tentaremos um jeito de trazê-los a sua presença.

O diálogo prosseguiu mais um pouco neste terreno, gerando ideoplastias que criaram condições favoráveis para o adensamento do perispírito de sua esposa(já desencarnada) tornando-a visível ao Comunicante, o qual, emocionado, soluçando, diz:

-Minha querida, minha querida ,afinal te encontro.
Descondicionado da fixação, começou a partir daí uma nova fase em sua existência. O fato aqui exposto tem semelhança com o registrado nas obras
(*Missionários da Luz, cap. 17, e Libertação, cap. 20.*)

De minha parte, perguntei ao esclarecedor se sempre esse método dá resultado. Ele me esclareceu que o resultado pode variar, embora sob condições diferentes. Certa ocasião acrescentou, quando ele induziu um Comunicante a pensar num afeto a resposta foi a seguinte:

-Que afeto? Nem minha família quis saber de mim, me desprezou.

Aí neste caso, prosseguiu o esclarecedor tive que dar outra condução ao diálogo, mas pelo menos consegui importante informação.

Há naturalmente, vários métodos de procurar desviar o Espírito de sua fixação, dependendo muito da criatividade do esclarecedor. Um amigo meu, contou-me que, em alguns casos, tem conseguido êxito evocando cenas da natureza, abrindo campo para ideoplastias de nível superior, num tema

que é universal, uma vez que todos nós vivemos experiências nesse sentido. Certa ocasião, depois de tentar descongestionar o campo mental de uma Entidade sem o conseguir, disse-lhe:

-Você, depois dessas peripécias e emoções fortes acalentadas por tanto tempo não se sente cansado? Recorde os quadros tranqüilizantes dos prados agrestes, do verdor dos campos, da floração da primavera, da beleza do mar, com suas praias brancas e águas verde-azuladas.

Em dado momento, o Espírito disse:

-Ah! Agora você me fez lembrar uma coisa. Eu morava numa fazenda e adorava cultivar orquídeas. E prossegue com outros comentários pertinentes. De repente, ele, alterando a voz do médium, assim se expressou com significativa emoção.

-Estou vendo um jardim de orquídeas. Como são belas!

O fenômeno acima é explicado através da mensagem do Espírito Efigênio S. Vitor, transmitido pelo médium Francisco Cândido Xavier. Na mensagem, ele faz alusão à existência, nas reuniões mediúnicas, de uma equipe nomeada de "Arquitetos Espirituais", cuja função é extrair recursos dos participantes e formar, embora temporariamente, jardins, templos, fontes, lares e quadros outros, para que os desencarnados infelizes sejam conduzidos à metamorfose mental. A mensagem está publicada na obra "Instruções Psicofônicas"

E prosseguiu falando sob notável encantamento.

Tendo em vista sua mudança mental (colocando-se em posição receptiva) o esclarecedor aproveitou a oportunidade

para falar da beleza da criação e da bondade divina, abrindo as comportas para direcionar-se à área evangélica.

Colocamos aqui alguns exemplos que conseguiram, em muitos casos, lograr êxito no descongestionamento mental de Entidades. Não se trata de uma norma é registro de experiências.

Pelo exposto, podemos concluir que o esclarecedor deve usar de muita criatividade não se esquecendo do importante papel de se ligar com a espiritualidade para recepção de instruções. Certo grau de perspicácia, tato psicológico, sensibilidade e paciência são também requisitos relevantes.

Por isso ,Allan Kardec nos esclarece:

"A MANEIRA DE CONVERSAR COM OS ESPÍRITOS É, POIS, UMA VERDADEIRA ARTE QUE EXIGE TATO E CONHECIMENTO DO TERRENO EM QUE PISAMOS" (*Revista Espírita, Julho de 1859*)

Apesar de se usar os melhores recursos, nem sempre se consegue o resultado desejado, sobretudo quando se trata de Espíritos endurecidos (*Vide cap. 7, da 2ª parte do Céu e o Inferno*).

O diálogo pode até se converter num círculo vicioso, isto é, o Comunicante, muito fixado (ou mesmo mal intencionado), volta repetidamente aos mesmos argumentos. Se o doutrinador concluir, depois de algum tempo, que não houve sinal de aproveitamento, não conseguindo tocá-lo em algum ponto de modo a descongestionar seu campo mental, deve providenciar uma prece e um passe. Se, mesmo assim, observar que o quadro continua o mesmo, pede ao

Comunicante que leve aquele material para reflexão, podendo voltar outro dia quando será prazerosamente recebido.

Nessa circunstância, explicar-lhe que o seu tempo se esgotou e que outros Espíritos estão aguardando sua vez de serem atendidos, alguns em estado de extremo sofrimento. De nossa parte, sabemos que em muitos casos os Benfeitores Espirituais completam o atendimento. A respeito, lembremos de que André Luiz nos esclarece que o processo desobsessivo, em diversos casos, deve ser feito lentamente pois não se erradica de imediato (*Desobsessão cap.33*).

Considerar, por outro lado, que algumas vezes, a mediunização do Espírito no médium, tem a finalidade de provocar um "choque anímico", para, entre outras coisas, adormecê-lo, produzindo a seguir "uma catarse inconsciente, com vistas à futura liberação psicoterápica."

Na obra *Nas Fronteiras da Loucura, cap. 26*, há um caso da espécie sendo a Entidade após o "choque anímico" levada a uma reunião especial no plano espiritual onde ocorre a efetiva assistência.

Embora usando linguagem cortês e amorosa, há certos momentos em que há necessidade de se usar de firmeza e energia, sem grosseria, ao lidar com Espíritos insensíveis, assim como brutalizados, agressivos, petulantes e pérfidos.

Há, também, os casos em que se observa a intenção do Comunicante em desestruturar a reunião.

Eis que para isso, alguns usam clichês que induzam pânico nos participantes, como provocar ou ameaçar elementos do conjunto, incluindo familiares, prometendo provocar acidentes, desestruturar o lar, etc.

Há a considerar, também, aqueles Espíritos galhofeiros que procuram motivar hilaridade, a fim de prejudicar a

harmonia vibratória. Essas e outras situações exigem firmeza e energia evangélica sem usar de rudeza e estupidez.

Confirmando a nossa assertiva do parágrafo precedente, transcrevemos abaixo o que a respeito registra Hermínio Mirando em seu livro *Diálogo com as Sombras* cap. 4.

"Se o companheiro (Comunicante) é agressivo ou violento, o esforço deve ser redobrado, de nossa parte, para não nos deixarmos envolver na sua "faixa". A voz precisa continuar calma, em tom afável, sem precisar ser melosa, mas é imprescindível que seja sustentada pela mais absoluta sinceridade e por um legítimo sentimento de amor fraterno. Isto não exclui a necessidade às vezes, de uma palavra mais enérgica, mas o momento de dizê-la tem que ser buscado com extrema sensibilidade, tato e oportunidade (...) A interferência enérgica é, pois, uma questão de oportunidade, precisa ser decidida à vista da psicologia do próprio Espírito manifestante, e da maneira sugerida pela intuição do momento, nunca deve ir à agressividade, à irritação, à cólera e jamais ao desafio."

Interferência do Mentor Espiritual

Em casos extremos, excepcionais, poderá o mentor mediunizar um dos médium psicofônicos a fim de esclarecer o Espírito rebelde (*Desobsessão, cap. 37, e Diálogo Com as Sombras, cap. 4*).

Eis porque André Luiz nos diz que "se o Comunicante perturbado procura fixar-se no braseiro da revolta ou na sombra da queixa, indiferente ou recalcitrante, o diretor ou auxiliar em serviço solicitará a cooperação dos Benfeitores

Espirituais presentes para que o necessitado rebelde seja confiado à assistência de organizações espirituais adequadas a isso. Nesse caso, a hipnose benéfica será utilizada a fim de que o magnetismo balsamizante asserene o companheiro perturbado, amparando-lhe o afastamento da cela mediúnica, à maneira de enfermo desesperado, a quem se administra a dose calmante para que se ponha mais facilmente sob o tratamento preciso."

Não somente por solicitação do dirigente poderá ocorrer a interferência do Mentor mas por sua própria iniciativa. Isso acontece quando o, Comunicante necessitado, aproveitando algum momento infeliz da mente do médium, coloca-se em estado de "quase absoluto empedernimento", podendo gerar uma desagradável inconveniência.

Assim, pode o Mentor espiritual, se considerar oportuno, ocupar espontaneamente o médium responsável e partilhar o serviço do esclarecimento, dirigindo-se ao Comunicante ou ao médium que o expõe (*Desobsessão, cap. 41*).

Conversações Marginais

Às vezes, com o objetivo de descompensar o ambiente ou desmoralizar o esclarecedor, a este se fazendo surdo, o Comunicante, dirige-se a outros elementos do conjunto, muitas vezes situando-os nominalmente, procurando estabelecer conversações marginais, tentando arrastar outros circunstantes ao diálogo. O esclarecedor deve usar de firmeza e energia evangélica, sem rudeza, envolvendo-o em vibrações de compreensão e conciliação.

É claro que o bom senso recomenda, nestes casos, que somente o esclarecedor dialogue com o manifestante, essa é a regra geral. Em casos fortuitos, excepcionais, e conforme a

intuição que receba dos Benfeitores espirituais, poderá ser permitido um breve diálogo com algum elemento do conjunto. Por exemplo, um Espírito manifestante que tem algum problema pessoal com alguém do grupo e que, arrependido, queira dirigir-lhe um pedido de perdão, um gesto de conciliação etc. Enfatizamos, mais uma vez, que esses casos devem ser excepcionais, não podem ser rotineiros.

A Revelação de que a Entidade já Desencarnou

Antigamente, muitos esclarecedores costumavam dizer a Espíritos comunicantes, expressões tais como: você já morreu, você não é mais desse mundo, já é um Espírito errante, etc.

A situação mudou depois que surgiram as obras de André Luiz, sendo de significativa relevância o livro *E a Vida Continua* no qual encontramos casos de Espíritos recolhidos em colônias espirituais tratados como se ainda estivessem "vivos".

Nesta obra, os personagens principais, Evelina e Ernesto passaram, certo tempo, sem saber que haviam desencarnado e a informação que obtinham era de que estavam em tratamento naquela casa de saúde e que eles conheceriam tudo ao seu tempo. A respeito, reportamo-nos a uma cena interessante que se passou com aqueles personagens.

Foram, certo dia, levados à sala de música da colônia, onde um Espírito, de nome Nicomedes executava linda melodia. Evelina, absorta com os acordes musicais, comentou:

-Ele parece mergulhado num longo êxtase, toca como quem ora.

A filha do executante ali presente respondeu:

-Estamos efetivamente muitos felizes, minha mãe ao que sabemos, deverá chegar essa semana.

-Ela está de viagem? Perguntou Evelina.

Com a maior naturalidade, a moça respondeu:

-Minha mãe virá da terra.

Quando Evelina, que já achava ali muitas coisas estranhas, entrou em pânico, teve uma crise de angústia. A simples idéia de que se situava em lugar fora do mundo, fê-la entrar em estado de perturbação, fazendo voltar as dores anginosas que há muito tempo não sentia. Viu-se a ponto de quase ter um desmaio. O grupo presente apressou-se em prestar-lhe assistência, levando-a a uma varanda, ao ar livre, fazendo-a sentar-se em uma poltrona de pedra semelhante ao mármore. Ela tocou com força o material da poltrona e sentindo-lhe a dureza, tranqüilizou-se, sobretudo ,depois que dali contemplou a linda lua que brilhava no céu. Percebeu que estava viva e que o susto não tinha razão de ser. Em seguida, ficou refletindo:

-Por que não existirá uma cidade, um lugarejo de nome Terra? (*E a Vida Continua, cap.7*).

Se os mentores espirituais tem a prudência de, em muitos casos, só revelar no devido tempo (depois do período de adaptação) que alguém desencarnou, porque devemos agir de outra forma?

Pelo exposto devemos ter a devida cautela nas revelações intempestivas da espécie, para não provocar traumas nos Espíritos ainda muitos condicionados ao mundo terreno e que ainda se julgam vivos.

Divaldo Pereira Franco, perguntado sobre o assunto, assim respondeu (*Diretrizes de Segurança, questão 62*)

-Há de perguntar-se, quem de nós está em condições de receber uma notícia, a mais importante da vida como é a morte, com a serenidade de se esperar?

Esta questão de esclarecer o Espírito no primeiro momento é um ato de invigilância, e, às vezes, de leviandade, porque é muito fácil dizer-se a alguém, que está em perturbação. Você já morreu! E muito difícil escutar-se esta frase e: recebê-la serenamente.

Dizer-se a alguém que deixou a família na Terra e foi colhido numa circunstância trágica que aquilo é a morte, necessita de habilidade e carinho, preparando primeiro o ouvinte, a fim de evitar choque, ulcerações da alma.

Considerando-se que a terapêutica moderna, principalmente no capítulo das psicoterapias, objetivam sempre libertar o homem de quaisquer traumas e não lhe criar novos, por que na vida espiritual se deverá usar uma metodologia diferente?

A nossa tarefa não é a de dizer verdades, mas, a de consolar porque dizer simplesmente que o Comunicante desencarnou, os guias também poderiam fazê-lo; deve-se entrar em contato com a Entidade, participar da sua dor, consolá-la, e, no momento que se fizer oportuno, esclarecer-lhe que já ocorreu o acontecimento da morte, mas, somente quando o Espírito possa receber a notícia com a necessária serenidade a fim de que disso retire o proveito indispensável à sua paz.

Do contrario, será perturbá-lo, prejudicá-lo gravemente, criando embaraços para os mentores espirituais.

Cooperação Mental do Grupo

1- Evitar alimentar dúvidas e atitudes suspeitosas, fato que poderá desarticular as comunicações ou favorecer a intromissão de inteligências perversas, pondo a perder excelentes serviços de socorro. (*Desobsessão, cap. 34, Nos Domínios da Mediunidade, cap 6*) .

2- Empenhar-se em manter o pensamento elevado e circunscrito à reunião, evitando-se a divagação, sobretudo a de ater-se aos acontecimentos e problemas do dia-a-dia, conscientizando-se de que sem o concurso mental equilibrado e superior, o serviço assistencial enfrentará problemas inevitáveis. (*Grilhões Partidos, Prolusão itens d e f ; Desobsessão, cap. 38 ; Os Mensageiros, cap. 47*).

3- A equipe deve oferecer base às afirmações do esclarecedor, dando-lhe o devido apoio vibratório, não perpassando qualquer pensamento de crítica, censura, ironia ou escândalo, abrigando na alma simpatia e solidariedade. (*Livro dos Médiuns, item 331; Desobsessão, cap. 38; No Invisível, pag 93, 4ºparágrafo*)

4- O dirigente assumirá a iniciativa de qualquer apelo à cooperação mental do grupo, no momento em que a providência se mostre necessária e ativará o ânimo dos companheiros que porventura se revelem desatentos, entorpecidos ou a ponto de se renderem ao sono. (*Desobsessão , cap. 38; Os Mensageiros, cap. 47; Além da Morte , cap. 26*)

Os Benfeitores Espirituais, em suas mensagens, lamentam a falta de conscientização de alguns companheiros da equipe encarnada. André Luiz, na obra *Os Mensageiros, cap 47*, descreve o comportamento displicente de certos participantes da esfera física.

Naquela reunião, havia instabilidade de pensamentos, alguns muito longe dos comentários edificantes, entre eles os que se prendiam mentalmente ao cotidiano, até aos afazeres domésticos. Resultado, essa displicência mental perturbava a corrente vibratória, afetava a organização mediúnica de alguns e o elo de ligação através do qual fluía a inspiração do Mentor perturbando, inclusive, o doutrinador Bentes, o qual se sentia, de quando em vez, como a perder o fio das idéias.

Não fosse o devotamento dos colaboradores do plano espiritual, tornar-se-ia " impossível qualquer proveito concreto." Isidoro, o dirigente espiritual e outros amigos devotados trabalhavam com ardor, despertando dorminhocos e reajustando pensamentos dos invigilantes, para neutralizar determinadas influências nocivas.

Boa parte dos tarefeiros das reuniões mediúnicas confessam ter dificuldades em se concentrar. Por que isso acontece? Há muito material sobre o assunto nas obras *Os Mensageiros, cap 47* e *Sementeira da Fraternidade, cap.25* .

Entre as instruções, ali contidas, destacamos:

"A concentração deve ser um estado habitual da mente em Cristo e não uma situação passageira junto ao Cristo "

(*Sementeira da Fraternidade*)

"Boa concentração exige vida reta "

(*Os Mensageiros*)

Na realidade, ninguém consegue se concentrar simplesmente por se entregar a este mister por alguns minutos na semana, isto é, só o fazendo durante a reunião mediúnica.

No dia-a-dia, é necessário adquirir a habitualidade de pensamentos positivos, de momentos de meditação, etc... Quando a mensagem reportada acima diz "que a concentração deve ser um estado habitual da mente em Cristo ", ela se refere à nossa vivencia equilibrada, aos nossos hábitos diários.

André Luiz , no livro *No Mundo Maior, cap. 8*, nos esclarece que incorporamos no nosso modo de ser os atos psíquicos repetidos. Assim, pelo hábito de se irritar, torna-se pessoa sempre irritadiça, de modo automático, até ante as mais insignificantes ocorrências. Assim também acontece com o hábito da agressividade, do descambar para as conversas negativas e, até, do automático impulso às críticas, se se habituou a ser crítico contumaz. Desse modo, os condicionamentos psíquicos, frutos do hábito, terão significativa influência na concentração. Perante ruídos externos, como por exemplo, a buzina de um carro, uma conversação audível vindo da rua ou mesmo algum acontecimento incomodativo na sala, dificilmente deixará de se irritar, o tarefeiro que tem o hábito da irritabilidade. Da mesma forma, se o companheiro é crítico contumaz na vida comum, terá o impulso automático de criticar mentalmente, por exemplo, certas colocações do esclarecedor ou determinado procedimento de alguns médiuns, desconcentrando-se. Igualmente, se o médium é aquele tipo humano que supervaloriza os acontecimentos de menor importância da vida, fixando-se habitualmente em seus aspectos detalhistas,

sua tendência é desviar-se mentalmente do desenrolar da reunião, prendendo-se ao cotidiano.

Portanto, os componentes da reunião mediúnica, bem como, em geral, o tarefeiro espírita devem empreender esforços em modificar os hábitos malsãos por outros edificantes, descondicionando-se da rotina mental negativa e perniciosa que se transforma em cacoetes psíquicos de difícil erradicação. Daí a razão da expressão de Vianna de Carvalho, a qual voltamos a reproduzir:

"A CONCENTRAÇÃO DEVE SER UM ESTADO HABITUAL DA MENTE EM CRISTO E NÃO UMA SITUAÇÃO PASSAGEIRA JUNTO AO CRISTO "

Preceitos de Espontaneidade

André Luiz , adverte "que os esclarecedores não devem constranger os médiuns psicofônicos a receberem os desencarnados presentes, repetindo ordens e sugestões nesse sentido, fator essencial ao êxito do intercâmbio".

Realmente, o fator espontaneidade é o mais compatível com os preceitos doutrinários. A atitude de dar ordens ou sugestão para que os psicofônicos recebam certas Entidades, ou mesmo indicar previamente os médiuns que irão atuar, apresenta vários inconvenientes.

Primeiro, porque interfere no planejamento do plano espiritual, uma vez que, em diversas circunstâncias, algumas Entidades já foram previamente ligadas, desde algumas horas ou dias, à mente de determinado médium. Na realidade, temos ainda que considerar a lei do casamento fluídico nas comunicações. Allan Kardec enfatiza que "a facilidade das comunicações depende do grau de afinidade entre os dois fluidos".

E adverte:

"Sem a harmonia, que só pode nascer da assimilação fluídica, as comunicações são impossíveis, incompletas ou falsas"

(*O Que é o Espiritismo, cap II, itens 62 e 64 e Obras Póstumas, pags 57/58*). E só a Espiritualidade sabe dos casamentos fluídicos possíveis.

Por outro lado, a tendência do médium é obedecer ao dirigente encarnado em detrimento aos controladores desencarnados. Na obra *Mecanismos da Mediunidade, cap 19*, André Luiz registra, numa sessão de materialização, um caso em que o experimentador encarnado sugeriu uma pulseira no braço; "de imediato, a mente do médium recolheu o impacto da determinação e, em vez de prosseguir sob o controle do operador desencarnado, passou a obedecer ao investigador humano "

Além disso, a questão de o dirigente sugerir ou ordenar aos médiuns a receberem os desencarnados presentes representa força de indução, podendo gerar fenômenos anímicos. Se for dirigido a um médium invigilante, preso a fixações de problemas existenciais, a situação se complica "porque certa classe de pensamentos constantemente repetidos sobre a mente mediúnica menos experimentada, pode estrangê-la a tomar certas imagens, mantidas pela

onda mental persistente, como situações e personalidades reais, tal qual uma criança que acreditasse estar contemplando essa paisagem ou aquela pessoa, tão-só por ver-lhes o retrato animado num filme” (*Mecanismos da Mediunidade, cap 19*).

Educação Mediúnica

Os médiuns psicofônicos e os esclarecedores não podem esquecer que a Entidade perturbada se encontra, para eles, na situação de um doente ante o enfermeiro convocado a controlar o doente quanto lhe seja possível. Deve preparar-se dignamente para a função que exerce, reconhecendo que não se acha nela à maneira de um fantoche, manobrado integralmente ao sabor das inteligências desencarnadas, mas sim na posição de interprete e enfermeiro capaz de auxiliar até certo ponto na contenção e na reeducação dos Espíritos rebeldes que recalcitram no mal (*Desobsessão, cap 42*) .

É natural que o médium psicofônico exteriorize reflexos e expressões resultantes das emoções das entidades comunicantes.

Devem, entretanto, evitar os extremos que conflitam com a ordem e segurança dos trabalhos, perturbando a si mesmo e aos demais membros do conjunto.

André Luiz nos esclarece que os médiuns psicofônicos não devem chegar ao ponto de significativo descontrole, devendo impedir e frustrar:

- Qualquer impulso de agressão;
- Produção de gritos, pancadas ou ruídos;

- Palavras torpes, sobretudo obscenas;
- Derrubamento de móveis, ou quaisquer objetos.

(*Desobsessão, cap. 42, 46, 47 a 49 ; Grilhões Partidos, Prolusão, item I; Nas Fronteiras da Loucura, cap. 25*)

Até mesmo o médium absolutamente sonambúlico, incapaz de guardar lembranças posteriores ao socorro efetuado, semi-desligado de seus implementos físicos, dispõe de recursos para governar os sentidos corpóreos de que o espírito se utiliza, capacitando-se, por isso, com o auxílio dos instrutores espirituais, a controlar devidamente as manifestações.

Em casos determinados (excepcionais), o médium psicofônico não pode governar todos os impulsos destrambelhados de Inteligências desencarnadas, como nem sempre o enfermeiro logra impedir todas as extravagâncias de pessoa acamada. Contudo, mesmo nestas ocasiões especiais, o médium conscientizado dispõe de recursos para reduzir as inconveniências ao mínimo (*Desobsessão, cap. 43*)

Um fato deveras inconveniente é a ocorrência de manifestação após o encerramento dos trabalhos, fruto da deseducação e/ou invigilância do médium que não se ligou devidamente ao clima da reunião. Se o psicofônico se sentir envolvido por determinada Entidade, deve avisar o dirigente assim que este der sinal para o encerramento da sessão (1). Se a ocorrência for habitual com determinado médium, deve-se cuidadosamente analisar o caso, pela possibilidade de o sensitivo estar passando por um processo obsessivo ou tratar-se de um fenômeno anímico.

(1) Conforme veremos em detalhes mais adiante, o dirigente deve avisar que pretende encerrar os trabalhos, acrescentando que dará um pequeno espaço de tempo para que se algum médium se sentir envolvido por Entidade, tenha esta a oportunidade de se manifestar, antes de dar por terminada a sessão

Hipnose Construtiva

Os esclarecedores deverão praticar a hipnose construtiva, quando necessária, no ânimo dos Espíritos sofredores comunicantes, usando:

- a. SONOTERAPIA: Para entregá-los à direção e ao tratamento dos Instrutores Espirituais;

- b. PROJEÇÃO DE QUADROS MENTAIS: Proveitosa ao esclarecimento, improvisando idéias providenciais do ponto de vista de reeducação;

- c. MINISTRAÇÃO DE MEDICAMENTOS: Ou recursos de contenção em favor dos desencarnados menos acessíveis à enfermagem do grupo.

(Desobsessão, cap. 33 ;Nas Fronteiras da Loucura, cap. 18; Grilhões Partidos,Prolusão, Missionário da Luz, cap. 17)

Animismo e Mistificação

Analisar, sem espírito de censura ou escândalo, os problemas de animismo ou mistificação inconsciente que porventura venham a ocorrer, fazendo o possível para esclarecer, com paciência e caridade, os médiuns e os desencarnados nestes processos de manifestações *obscuras* (*Desobsessão, cap. 33*).

À respeito, pedimos que se orientem com as instruções contidas nas obras: *Nos Domínios da Mediunidade, cap 22, Estudando a Mediunidade, cap 36 e Mecanismos da Mediunidade, cap 23*.

André Luiz nos alerta, por outro lado (*Desobsessão, cap 35*) "que há médiuns psicofônicos para quem os Amigos Espirituais designam determinados tipos de manifestantes que lhes correspondem às tendências, caracteres, formação moral e intelectual, especializando-lhes as possibilidades mediúnicas, não devendo confundir esse imperativo do trabalho com o chamado animismo ou supostas manifestações inconscientes"

(*O Céu e o Inferno, 2ª parte, cap 4; O Livro dos Médiuns , item 193, nota do Espírito Erasto*)

Comunicações de Personalidades Celebres

Ponderar, com especial atenção, as comunicações transmitidas como sendo de personalidades celebres, analisando-as à luz do bom senso e à essência dos conceitos doutrinários. (*Conduta Espírita, cap. 25 item 1; O Que é o Espiritismo, cap. 2, item 93; O Livro dos Espíritos, introdução, item XX*)

Quantidade de Comunicações Para Cada Médium

A fim de evitar maiores desgastes, cada médium deve limitar-se a duas comunicações de Espíritos necessitados e o Mentor, em cada reunião. Em casos excepcionais, poderá receber uma terceira Entidade sofredora, o que geralmente ocorre no caso de estar reduzido o número de médiuns psicofônicos, por terem alguns faltado ao trabalho.

(*Conduta Espírita, cap. 24, item 41; Desobsessão, cap. 4; Livro dos Médiuns. Item 221, 2ª questão*)

Alertamos para o caso de médiuns que recebem um Espírito atrás do outro durante o trabalho mediúnico e que algumas pessoas erroneamente interpretam como indício de ser detentor de grande mediunidade. À respeito, transcrevemos abaixo, a orientação do tribuno José Raul Teixeira a esse respeito, publicada na obra *Diretrizes de Segurança, questão 52*.

“ A mediunidade amadurecida não é identificada pelo número de desencarnados que se comunicam por um único médium, numa mesma sessão; entretanto, será identificada pelo teor das comunicações, pela qualidade do fenômeno que demonstrará a maior ou menor afinação do médium com as responsabilidades da tarefa.

Cada médium, quando devidamente esclarecido e maduro para o desempenho dos seus compromissos, saberá que o número avultado de comunicações poderá indicar descontrole do instrumento encarnado e não a sua pujança mediúnica. Há médiuns que prosseguem dando passividade a Entidades durante a prece de encerramento, sem qualquer disciplina, quando não se justifica que tais entidades estavam programadas, como se os Emissários do Além, responsáveis

por lides tão graves, tivessem menor bom-senso que nós, encarnados.

Um número de até duas comunicações, e, em casos de grande necessidade e carência de outros médiuns, até três, parece bastante coerente. Todos os médiuns, assim, terão chance de atender aos irmãos desencarnados, sem desnecessários desgastes.”

Comunicações Simultâneas

Desaconselham-se o esclarecimento simultâneo a mais de duas Entidades, para que a ordem seja assegurada, devendo os médiuns, muito embora pressionados por Entidades em aflição, educar-se devidamente para só oferecerem passividade quando o clima da reunião lhes permita o concurso; ainda mesmo os que detenham faculdades assinaladas por avançado sonambulismo, deve e pode exercitar o autodomínio, afeiçoando-se à observação e ao estudo, a fim de colaborar na vigilância precisa.

(Desobsessão, cap.39; Grilhões Partidos, Prolusão, item i)

“Limpeza Psíquica ” do Médiun

Observamos que ainda existe em alguns grupamentos o hábito de, depois do desligamento do Espírito necessitado, o médiun mediunizar o Mentor, sob a alegação de se tratar de "limpeza psíquica" do instrumento mediúnico. Perguntado a Divaldo Franco se realmente há essa necessidade ele assim respondeu:

Absolutamente não (*Diretrizes de Segurança Questão 58*)

De nossa parte, queremos, lembrar que, para haver a mediunização, há a necessidade da combinação fluídica entre o médium e o Espírito (neste caso o Mentor), sendo que a referida combinação depende da afinidade entre os dois fluidos. Como pode haver afinidade entre o fluido do Mentor e o do médium, na circunstância em que este se encontra, depois de receber um Espírito atormentado, estando o seu fluido perispirítico um tanto encharcado de emanções inferiores deixadas pelo Comunicante?

Por outro lado, se o Benfeitor Espiritual quiser operar a referida "Limpeza Psíquica", ele aplicará um passe no médium ou intuirá o esclarecedor a providenciá-lo, indicando um dos médiuns para este mister.

Geralmente, o próprio médium, através da concentração e oração, consegue por si mesmo expulsar os resíduos fluídicos da Entidade comunicante. A providência do passe só ocorre quando se trata de casos difíceis (suicidas, criminosos confessos, fenômenos de zoantropia e em alto grau de sofrimento.)

Médium em Dúvida

Às vezes ocorre a dúvida em alguns médiuns se as idéias constantes nas comunicações promanariam efetivamente do Espírito ou dele mesmo. Para o devido esclarecimento recomendamos ler atentamente os *itens 214 e 215 de O Livro dos Médiuns; o cap 18 da obra Mecanismos da Mediunidade, Item Mediunidade Disciplinada, e o cap 6, final do livro Nos Domínios da Mediunidade.*

"Hiatos" Entre as Comunicações

Em algumas reuniões, podem ocorrer "Hiatos" anormais, isto é, períodos um tanto longos e freqüentes entre uma e outra comunicação. Geralmente, a ocorrência tem sua causa nas condições psíquicas precárias dos médiuns ou no deficiente padrão vibratório do ambiente. E aconselhável que o dirigente providencie uma prece depois de fazer um apelo à cooperação mental de todos.

(Desobsessão, cap. 38, 40; Missionário da Luz, cap. 3)

O Passe Nas Reuniões Mediúnicas

Além do que já nos reportamos nas páginas precedentes, colocamos, neste item, outras considerações adicionais:

O passe tem um papel relevante nas reuniões mediúnicas. Mas deve ser aplicado no momento próprio; não deve ser usado abusivamente.

Os médiuns passistas, além de suas funções de rotina na fase final dos trabalhos (Radiação e Passes), deverão permanecer atentos para o "concurso eventual" que lhes seja pedido no transcurso dos trabalhos.

Uma situação em que o passe é muito oportuno, ocorre no caso de Espíritos em alta dose de sofrimento e aflição, ao ponto de não conseguirem se expressar ou fazê-lo com enorme dificuldade. Também nas situações de lesões perispiríticas (aleijões, paralisias, mudez, etc.) Do mesmo modo, em situações de extrema agitação ou zoantropia.

Nestas circunstâncias, deve o passe ser acompanhado paralelamente por uma prece.

Outras finalidades do uso do passe nos trabalhos mediúnicos:

- a. Sonoterapia: levar o espírito à sonolência para entregá-lo à direção e tratamento dos Instrutores Espirituais;
- b. Dissolver, no Comunicante, uma ação hipnótica qualquer provocada por Espíritos que o dominam;
- c. Desintegrar apetrechos fluídicos(capacetes, aparelhos colocados no cérebro do Comunicante, couraças, armas e objetos vários);
- d. Facilitar a incorporação, no caso de se verificar que realmente está ocorrendo dificuldade;
- e. Facilitar ou provocar regressão de memória (1);
- f. Atender a um problema que irrompe entre os companheiros;
- g. Atender a um médium psicofônico em estado de exaustão.

Observamos que, em alguns grupamentos, aplica-se o passe no médium durante um tempo excessivo, havendo casos em que a APLICAÇÃO OCORRE DURANTE TODO O TEMPO DA COMUNICAÇÃO. Entendemos ser isso desnecessário, lembrando novamente, que o passe deve ser aplicado com a devida prudência, não abusiva e indiscriminadamente.

(1) Alguns esclarecedores, alegando estar captando por intuição, começam a induzir quadros e situações para regressão de memória. Em primeiro lugar, é preciso ter certeza de que a intuição é autêntica ou se não estaria captando ideoplastias circulantes no ambiente. Entendemos, por isso que a regressão deve ser espontânea, isso é, aplica-se o

passa e pede ao Espírito que procure lembrar-se de algo relacionado com a sua situação. A indução do esclarecedor, por outro lado, cria formas-pensamentos que poderão interferir no fenômeno.

Encerramento da 2ª Parte da Reunião

A Segunda parte da reunião, isto é, "A Manifestação dos Enfermos Espirituais", não deve ser interrompida bruscamente, sem um aviso prévio, não só porque um médium pode estar sentindo aproximação de algum Espírito prestes a se comunicar como por questão de preparação psíquica dos componentes encarnados.

É recomendável que o dirigente, antes de efetivar o encerramento dessa fase da reunião, previna os demais companheiros, cerca de 2 minutos antes, por exemplo, encarecendo o máximo empenho na cooperação mental, tendo em vista a seqüência da terceira parte (Radiação e Passes), esclarecendo, nesta oportunidade, que poderá adiar o encerramento por mais alguns minutos, se algum médium por ventura estiver sentindo imantação de Espírito prestes a se comunicar.

III Parte: Radiação e Passes

Com apoio basicamente em André Luiz (Desobsessão , cap. 52) recomendamos que a terceira parte da reunião mediúnica (Radiação e Passes) transcorra da seguinte forma:

a. Após dar por encerrada a II parte (Manifestações dos Espíritos desencarnados), o dirigente rogará aos companheiros vibrações de tranqüilidade para os sofredores, devendo todos formar correntes mentais com as melhores idéias que sejam capazes de articular, podendo recorrer à prece silenciosa ou usar mentalização edificante, conscientes de que todo pensamento é onda criativa e os pensamentos de paz e fraternidade emitidos pelo grupo constituirão adequado clima de radiações benfazejas, facultando aos amigos espirituais presentes, recursos em forma de socorros urgentes;

b. O dirigente, ou um dos componentes da equipe indicado por ele, articulará prece em voz alta, lembrando na oração:

- Os enfermos espirituais que se comunicaram;
- Os que não se comunicaram, mas que silenciosamente participaram da reunião;
- Os irmãos dos hospitais e os internados em outras casas assistenciais;
- Os irmãos carentes de socorro ou alívio.

c. Logo que o conjunto entre em silêncio na ocasião das radiações, os médiuns passistas se deslocarão de seus lugares e, conquanto se conservem no trabalho íntimo nas ideações construtivas do apoio vibratório aos sofredores (Radiação), atenderão aos passes, ministrando-os a todos os componentes do grupo (Missionários da Luz, cap. 1e 17 : Obras Póstumas, pag. 118 2º parágrafo)

IV Parte da Reunião

Manifestação dos Mentores Espirituais

(Desobsessão, cap.54; Nas Fronteiras da Loucura, cap. 18)

Após a "Radiação e Passes", o dirigente solicitará de todos a continuidade da concentração mental, no aguardo da manifestação do Mentor Espiritual da reunião ou algum outro Instrutor desencarnado que deseje transmitir aviso ou anotação edificante para estudo e meditação. Cabe, neste particular, observar o seguinte:

a. Se for aconselhável, gravar a mensagem, o gravador deverá estar convenientemente preparado, cabendo ao encarregado de seu manejo ter verificado sua normalidade de funcionamento antes da reunião, para evitar atropelos durante os trabalhos;

b. A mensagem poderá ser psicográfica (mais raro) se o Mentor ou seu preposto assim acharem conveniente
(Nas Fronteiras da Loucura, cap. 18)

Reunião Mediúnica Depois da Reunião

Depois da Reunião

Estudo Construtivo das Passividades

Após a prece final com que se encerra a reunião, é interessante que o dirigente, médiuns e demais integrantes da equipe realizem estudo construtivo das passividades, na forma orientada do *cap. 18 da obra Grilhões Partidos* e no *cap. 60 do livro Desobsessão.*,

Alertamos, porém, que esse trabalho deve obedecer a rígida disciplina, deve ser objetivo, abstendo-se de comentários longos, sobretudo porque muitos companheiros moram em lugares distantes, sendo desaconselhável retirar-se em hora avançada da noite.

Evitar, também, comentar ocorrências rotineiras (sem nenhuma utilidade para avaliação), bem como casos pessoais, enfim, tudo que não objetive instrução e orientação relevantes. Os videntes poderão ajudar relatando suas percepções úteis a certos esclarecimentos evitando, porém, detalhes rotineiros. Abster-se de relatar em detalhes o sofrimento do Espírito comunicante, a não ser muito superficialmente (mesmo assim se muito necessário a algum esclarecimento) a fim de não remoer chagas perispiríticas e morais das entidades com tratamento em curso pela Espiritualidade, uma vez que a referência mental é fator de indução.

Certa ocasião, em nossa reunião, uma companheira, referindo-se a um Espírito que se comunicou através dela, descreveu na avaliação seu estado: "Uma grande ferida dolorosa na cabeça, manchas por todo o corpo, etc ...".

Na reunião seguinte, a Entidade voltou a se comunicar reclamando que estava bem melhor, aliviada pelo tratamento a que se submetia, quando alguém, revivendo o seu estado de sofrimento a fez piorar. Naturalmente o mentor Espiritual a levou numa 2ª comunicação para uma lição a equipe mediúnica.

Comportamento dos Companheiros

Após a Reunião

Após o término da reunião, todos deverão retirar-se imediatamente da sala, mantendo o pensamento elevado e sem provocar ruídos ou alaridos, afim de manter elevada a psicofera em que demoram as Entidades em tratamento, considerando que, após o encerramento dos trabalhos no plano dos encarnados, o serviço de socorro e enfermagem prossegue na esfera espiritual. (*Nas Fronteiras da Loucura, cap 26 ; Desobsessão, cap. 61; Além da Morte, cap. 27, do 10 ao 40 parágrafo, idem cap. 28; Nos Bastidores da Obsessão , cap 18)*

Tendo em vista que a conversação estabelece imãs de atração e cria correntes mentais entre os comentaristas, devem ser evitadas, ao sair da sala de reunião, de volta à casa e no próprio lar, conversas ou referências a respeito das manifestações havidas na reunião, de modo a não remoer a chagas mentais dos desencarnados que foram atendidos, arrancando-os do alívio alcançado e levando-os a angustias. (*Desobsessão, cap. 62; Mecanismos da Mediunidade, cap. 15. subitem Correntes de Elétrons Mentais, idem cap 18 subitem Nas Ocorrências do Cotidiano*)

Os companheiros encarnados, após os trabalhos mediúnicos, devem estar atentos em manter o clima psíquico elevado que fruíram na reunião, evitando envolver-se em áreas de interesses negativos, de modo a recolher-se ao leito sintonizados com a Espiritualidade Superior, a fim de possibilitar aos Mentores desdobrá-los para participarem de atividades relevantes com a continuidade da própria reunião, no plano espiritual. (*Nas Fronteiras da Loucura, cap 25, Além da Morte, cap 27, 1º parágrafo*).